2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal — S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 11. QUINTA FEIRA, 23 DE OUTUBRO DE 1851. 11. ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

PRESTIMO DA GOMMA ELASTICA.

A gomma elastica, borraxa, ou caoutchouc, ainda ha muitos annos prestava para bem pouco, e se tivesse desapparecido do mercado não se daria pela falta. Mas agora é uma substancia, que os sabios e industriaes estudam por se lhe descobrirem qualidades assás apreciaveis. E quantas substancias vegetaes ou animaes não são desconhecidas ou reputadas hoje de pouco valor, que se converterão em riquezas, graças aos progressos da industria?... Apenas a gomma elastica tinha passado pelas provas de utilidade encontrava já um concurrente, e desse emulo, *gutta-percha* [1] até o nome era ignorado, ainda não ha sete annos, por todo o commercio europeu.

Antes de fallarmos das novas experiencias feitas com a gomma elastica, para o que nos servirá uma compilação ingleza *The Chimical Record*, daremos a sua historia em resumo.

O caoutchouc, gomma elastica ou borraxa, é produzido por diversas arvores; as que o dão em maior abundancia são a *siphonia caoutchouc*, a *urceola elastica*, a *ficus elastica*, e a *hævea guianensis*. A primeira cobre immensa extensão de terreno na America central e a gomma que produz é a que melhor se presta ao fabrico. A *ficus elastica* abunda na Asia no paiz de Assam n'uma extensão de quatro leguas e meia quadradas. A *urceola* é commum nas ilhas do Archipelago Indico. A *hævea* acha-se em grande copia na America meridional desde o Orenoco até o Amazonas. Do Pará se exporta para Lisboa alguma borraxa.

E' uma arvore de crescimento tão rapido que em cinco annos adquire a altura de 200 pés e o seu tronco mede 20 a 30 pollegadas de circumferencia. Póde produzir 50 a 60 libras de seve ou succo em cada anno sem que padeça na vegetação, não obstante ser extrahida a seve, como a do maná, por incisões no tronco e ramos; sendo posta a seccar é essa a gomma elastica. — A arvore que dá a gutta-percha cresce principalmente nas florestas da peninsula de Malaca e da ilha Samatra, e apresenta completo contraste com as precedentes: a sua vegetação é extremamente vagarosa, carece de 100 annos a 120 para chegar ao pleno crescimento, e só se obtem o producto sacrificando a arvore, por quanto derribada esta acha-se a gutta-percha no estado de coagulação entre o lenho e a casca.

A gomma elastica, conhecida na Europa no meado do seculo passado, e que no começo do presente só prestava para apagar os vestigios do lapis e para se fazerem borraxinhas com pipos apropriadas a diversos, mas limitados, usos, era empregada em serviços grosseiros, desde tempo immemorial, pelos selvagens aborigenes das regiões tropicaes. A fim de a moldarem a seus usos, estes indios faziam botijas ou outros vasos ôcos de barro, seccos ao sol, e por fóra destes moldes, a que tinham dado a figura que pertendiam obter, estendiam succo vegetal do caoutchouc até á grossura requerida; estando secco quebravam o molde por dentro e tiravam pelo bocal do vaso formado da gomma os pedaços de barro, e dest'arte fabricavam borraxas, umas como garrafas e outros objectos.

A gomma elastica é uma das substancias dotadas de maior elasticidade; o grau do seu elaterio observa-se nas pélas. O calor abranda-a, o frio endurece-a, e é susceptivel de estirar-se muitissimo. Toda a difficuldade em aproveital-a para a industria consistia em achar o segredo de a dissolver, porquanto até se mantinha indissoluvel no alcohol. Fervida n'agua dissolve-se em parte a superficie, mas de modo que duas tiras recemcortadas postas em agua fervendo se tornam a unir depois de bem

[1] É extrahida de uma arvore da India, a Camboge ou gutteira; tambem se denomina *guttagamba*. Em as noticias do telegrapho electrico submarino se terá visto a utilissima applicação desta gomma.

apertadas. Porém, em breve, repetidas tentativas deram em resultado que o ether sulphurico a dissolve, sendo bem purificado em agua: o oleo de termentina abranda-a mas custa muito a seccar. Ultimamente, logrou-se dissolvel-a perfeitamente, e sem alterar as suas propriedades, com o naphta purificado que se extrahe do alcatrão do carvão de pedra, o dissolvente mais barato que se podia achar em Inglaterra. Este processo é conhecido ha doze annos, e ha tantos que a gomma elastica começou a ter importancia na industria. — O primeiro uso que della, depois de preparada, foi untar os instrumentos d'aço, dando-lhes uma capa transparente para perserval-os da ferrugem; depois serviu para fazer algalias, assim como tubos de todas as fórmas para conduzir gazes. Posteriormente foi applicada á preparação de telas ou tecidos differentes ficando como se fossem um só e sem lhes alterar na minima coisa as duas superficies distinctas. Por ultimo, fabricam-se com esta gomma cabos, sogas, tirantes, cordas para a sirga, suspensorios para homens, ligas, cordões, e até sobrecasacas para o inverno, e muitos objectos variados.

A importação da gomma elastica na Inglaterra no primeiro quartel deste seculo computava-se por quintaes e agora faz-se por toneladas. Já em 1837 se tinha organisado em Londres uma companhia com um capital de dois milhões de cruzados para o commercio exclusivo deste genero; e constándo que existiam variedades do mesmo vegetal, productor da mesma gomma, nas Indias orientaes. estabeleceram-se feitorias em varias partes da Asia, para promover o meio de alcançar-se a maior quantidade para o consumo. A estas diligencias se deve em parte o descobrimento da gutta-percha.

Sómente depois de se descobrir o processo denominado *vulcanisação* do caoutchouc, cobrou verdadeira importancia esta gomma preciosa. Esse processo parece que fôra descoberto em 1843 por M. Thomaz Hancock, e consiste no seguinte.

Uma tira de caoutchouc mergulhada em enxofre derretido absorve uma porção, e ao mesmo tempo soffre alterações consideraveis na maior parte de suas propriedades. Neste estado não influem nella as differenças de temperatura; o frio já não a endurece, e o calor não a embrandece, salvo sendo tão forte que a destrua. Porém, o mais importante é que a sua elasticidade fica muito augmentada e permanece constante. Por esse processo, uma esphera solida da gomma elastica vulcanisada, de 63 e meio millimetros de diametro, tendo sido comprimida n'um laminador cujos cylindros tenham uma separação de 6 e meio millimetros, recobra exactamente a sua fórma primitiva, sem conservar vestigio algum da compressão a que foi submettida.

Outro exemplo: — um tubo de gomma elastica, assim preparado, de 57 centimetros de diametro, fechado hermeticamente n'um cylindro, foi exposto a uma pressão de 200:000 kilogrammas: desenvolveu-se muito calor e a excessiva elasticidade da substancia despediu para traz com terrivel violencia um *volante* que pesava cinco tonneladas (cinco mil kliogrammas) que tinha servido para fazer a experiencia.

Um inglez, M. Hodges, propoem empregar esta enorme força elastica para levantar massas pesadas. Pequenos bocados de caoutchouc, denominados pelo inventor *forças adquiridas (power-purchases)* são successivamente distendidos e aferrados ao peso que deve levantar-se; quando um numero sufficiente destas *forças adquiridas* está fixado no peso, a sua força elastica combinada o levanta do chão.

Dez destes aparelhos que tinham individualmente força correspondente a 25 kilogrammas levantaram juntos 250 kilogrammas. Cada sustentador tem o comprimento de 15 centimetros e pesa perto de 40 grammas de gomma elastica vulcanisada. Se estes dez carregadores fossem estendidos até o limite da sua elasticidade (que não é o da sua força de coherencia) levantariam 320 kilogrammas. — Esta potencia, posto que obedeça á lei commum das forças mechanicas, differe muito das forças conhecidas, para que se possa distinguir como uma nova potencia.

O mesmo principio é applicavel ao reboque dos barcos, e pode igualmente servir para levantar ancoras etc. — Por um principio inverso, as forças adquiridas podem empregar-se como potencia de projecção; por exemplo, certo numero destes agentes poderia ser ajustado a um tubo da feição de peça de artilheria, construido para arremeçar os arpeus: esta applicação prestaria eminentes serviços na pesca da baleia. O uso do canhão carregado de polvora é impraticavel, porque o estrondo espanta e afugenta os cetaceos, e por isso os marujos são obrigados, como todos sabem, a ir em frageis embarcações, correndo os maiores perigos, vibrar o arpeu á mão. — O novo processo já foi experimentado vantajosamente; uma peça de 80 carregada como acima se disse despediu uma bala á distancia de 120 metros; outras balas chegaram a 200 metros e a mais. — Um arco construido pelo mesmo principio, sendo elastica só a corda, deitou um virotão de 76 centimetros á distancia de 170 metros. Novas experiencias obterão mais perfeitos resultados, descobrirão novas e uteis applicações daquella substancia por tão longo lapso de tempo despresada.

CAMINHOS DE FERRO NOS ESTADOS UNIDOS.

O director de um caminho de ferro dos Estados-Unidos da America, M. Derby, colligiu n'um relatorio particularidades mui interessantes relativas aos progressos materiaes desta região.

O primeiro caminho de ferro americano foi aberto em dezembro de 1829. Era uma linha mediocre de 13 milhas de extensão entre Baltimore e Elicott's Mills. Como foi empregado este curto periodo de vin-

te e dois annos desde então para cá? Avalie-se pelo que vamos referir.

Os caminhos de ferro patentes á circulação percorrem agora um curso de 10:287 milhas ou 16:552 Kilometros (4:138 leguas). — Os caminhos em construcção formam ao todo uma extensão de 10:092 milhas ou 16:238 Kilometros (4:059 leguas). Total — 8:197 leguas. Advirta-se que a circumferencia da terra é de nove mil leguas.

Dentro de pouco tempo os Estados-Unidos possuirão um systema de caminhos de ferro, por tal maneira que se todas as linhas que o composerem, em numero de 355, fossem encabeçadas umas nas outras, bastariam para cingir o globo inteiro com uma cinta de ferro.

A quarta parte de um seculo, e uma nação que apenas terá o vigessimo da população, ainda tão rareadas da terra, são sufficientes para levar a cabo tão prodigiosa extensão de obras. Á vista destes algarismos eloquentes, quem não ficará absorto contemplando o poder dos recursos de que o homem dispoem, graças á sciencia! Esse poder até parece desproporcionado com as dimensões do theatro em que se exercita.

Quem creou tal poder? Nenhum conquistador, nenhum grande do mundo: foi um plebeu que observava curiosamente na sua infancia as gotas de vapor que se condensavam na tampa de uma chaleira. Depois de Watt, segue-se Stepheson, segue-se Seguin: e com elles todos os homens de genio, que laboriosamente estudaram as condições da producção da força, e que, pelos aperfeiçoamentos que todas as industrias lhes devem, tornaram realisaveis os dados da theoria.

Citamos os caminhos de ferro americanos: — a que somma chegariamos, se á precedente ajuntassemos o total dos caminhos de ferro inglezes, francezes, alemães, etc.! . . . Os railways em circulação na Gran-Bretanha e Irlanda em 31 de dezembro do anno ultimo formavam um comprimento de 6:621 milhas: e tudo isto quasi que data de hontem! As locomotivas, em numero de perto 2:500, que só na Inglaterra andam diariamente caminho igual a 22 vezes a circumferencia do globo terrestre, não existem realmente senão depois da invenção das caldeiras tubulares, isto é. desde 1828: ha 23 annos! Quando é que se construiu o primeiro barco de vapor, isto é, a primeira tentativa que não foi abandonada depois do ensaio? . . Em 1807 pelo americano Fulton em New-York. Os barcos de vapor só foram vistos em Inglaterra em 1812.

Em 1816 Mr. Andriel passou a Londres a comprar um barco proprio para dar aos parisienses ideia da nova navegação. Que viagem! Que aventuras! Que perigos! Que delonga! Sahindo de Londres a 9 de março, deitou ferro junto á ponte de Sena a 28 do mesmo mez, ao termo de dezenove dias de navegação, tempo sufficiente hoje para fazer duas vezes o trajecto de Atlantico, por quanto o *Baltic* acaba de effectuar esta viagem em 9 dias, 13 horas e 50 minutos.

Todos sabem que o telegrapho electrico é de mui recente data: pois os americanos já os estabeleceram na extensão de 15:000 milhas!

Todos estes inventos tão modernos encasaram já nos costumes; nos povos que os possuem tornaram-se tão indispensaveis como os utensilios vulgares e desde remotas eras conhecidos. A epocha actual é igualmente notavel pelo genio inventor, pela rapidez da execução e pela força de assimilação: tudo prova que a humanidade progride com um movimento accelerado. A rapidez das communicações pelo vapor e a electricidade são o symbolo da actividade que tem adquirido o espirito humano.

D'antes carecia-se de explicar por que era tão pequena a somma de melhoramentos que presenceava cada geração, e dizia-se: — o progresso deve referir-se não á duração da vida individual, que é medida mui pequena, mas á duração indeterminada da humanidade. Tal explicação já não é necessaria: o mesmo homem poude vêr a machina de Watt, a illuminação a gaz, a locomotiva, o paquete transatlantico, o daguerreotypo, a galvanoplastica, e mais de cincoenta descobrimentos, cada um dos quaes seria bastante para assombrar um seculo inteiro.

MOLESTIA DAS UVAS EM FRANÇA.

O conselho de hygiene e de saude do departamento do Isére, que o prefeito encarregára de estudar a influencia que podiam ter na saude publica quer as uvas atacadas do mal, quer o vinho proveniente de fructos sãos e de fructos contaminados, tendo experimentalmente reconhecido que dahi não vinham resultados perjudiciaes, confirmou-se nesta opinião por uma esgunda série de experiencias. Eis uma parte do seu relatorio ao prefeito.

« — A commissão fez trazer para o laboratorio da faculdade de sciencias uma quantidade de uvas pisadas sufficiente para encher uma quartola de um hectolitro (seis almudes mui proximamente) desfundada e posta como tina. Escolheram-se uvas contaminadas e quanto foi possivel o mais proximas da madureza, postoque nesta parte não estivessem como se desejava.

« A uva cortada foi mettida na tina no dia 25 em uma casa aquecida moderadamente por uma *poele* (fogão portatil) de modo que favorecesse a fermentação vinosa, que se desenvolveu immediatamente e continuou sem interrupção até a segunda feira á tarde, 29 do mez. Portanto a vinificação operou-se pelo modo ordinario.

« Em todo este tempo sahiu da vasilha um cheiro vinhoso puro e inteiramente semelhante ao de vindima de boa qualidade. Sangrou-se a tina naquella segunda feira, e o vinho appresentou as qualidades proprias dos vinhos novos provenientes de uvas mal sasonadas. Tem côr fraca, e pouco balsamico quasi se não pega aos dedos: tem o aroma caracteristico dos vinhos recentemente feitos, o sabor acerbo e acido, mas são, sem deixar resaibo, nem offerecer gosto algum estranho ao vinho. As suas qualidades acidas manifestam-se pela acção sobre o papel azul de girasol que tingo fortemente de vermelho: este acidulo é devido a uma grande quantidade de acido tartrico livre; e deitando-se-lhe uma solução de tartatro neutro de potassa, fórma-se um precipitado abundante do tartatro acido da mesma base.

« Finalmente cada um de nós bebeu o conteudo de

uma ou de muitas colheres de sôpa e até um copo cheio deste vinho, sem experimentar outros effeitos mais do que poderia produzir qualquer outro vinho da mesma qualidade, proveniente de uvas no mesmo grau de madureza e não atacadas do mal.

«Muitas pessoas estranhas á commissão que acompanharam as nossas experiencias beberam tambem sem inconveniente na saude, postoque consumissem quantidade sufficiente para fazerem effeito, se as houvesse, as qualidades perniciosas do mesmo vinho.

Este mal que dá nas uvas, e que se desenvolveu no decurso deste anno tem causado em França tão graves apprehensões como o das batatas. Mr. Bouchardat, pessoa mui competente em taes assumptos, diz que a molestia reinante é sempre acompanhada do desenvolvimento de um insecto microscopico, *oidium Tuckeri* e se originára nas estufas destinadas a culturas forçadas, donde se espalhou para fóra. Nas estufas de Inglaterra e da Belgica se descobriu este insecto, sendo provavel que já tivesse apparecido antes de 1845, epocha em que attrahiu a attenção de Mr. Tucker, jardineiro em Margate. Em França, nas estufas de Mr. de Rotschild manifestou-se esta especie de bolor helminthico, primeiro diminutamente em 1847 e 1848, e depois de um modo mais intenso em 1849; dalli propagou-se pelas parreiras circumvisinhas, e invadiu as vinhas de Suresnes e Puteaux. Passadas algumas semanas, a mucedinea irradiava em ponto grande em Charrone, Montreuil, Saint-Mandé, Conflans, faux-bourg St.° Antoine, e até na formosa collecção do Luxemburgo; em Montrouge, sobretudo, nos magnificos parreiraes de Madama Prevot, rua de Orleans, todos os insectos morbiparos da vinha parece que fizeram reunião. Nas visinhanças de Grenoble todos os fazendeiros concordam em que o insecto das uvas nascera no meio das culturas forçadas; se tal é, cumpriria prohibir, por meio de providencias administrativas, na proximidade das vinhas essas culturas.

CATALOGO DOS PRODUCTOS PORTUGUEZES NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL EM LONDRES.

(Continuado de pag. 90).

475 AZEITE D'OLIVEIRA. — Expositor e productor, Almeida Silva & Comp.ª
Estremadura, Lisboa.

476 AZEITE D'OLIVEIRA. — Expositor e productor, Almeida Silva & Comp.ª

477 AZEITE D'OLIVEIRA. — Expositor e productor, Almeida Silva & Comp.ª

478 AZEITE D'OLIVEIRA. — Expositor e productor, José d'Albuquerque Mello.
Beira.

479 AZEITE D'OLIVEIRA. — Expositor e productor, José d'Albuquerque Mello.

480 AZEITE D'OLIVEIRA. — Expositor e productor, Almeida Silva & Comp.ª
Estremadura, Lisboa.

481 AZEITE D'OLIVEIRA. — Expositor e productor, Marquez de Ficalho.
Alemtejo, Serpa.

482 AZEITE D'OLIVEIRA. — Expositor e productor, Marquez de Ficalho.
Alemtejo, Serpa.

483 AZEITE D'OLIVEIRA. — Expositor e productor, Conde de Linhares.
Estremadura, Alpiarça.

484 AZEITE D'OLIVEIRA. — Expositor e productor, Cende de Linhares.
Estremadura, Alpiarça.

485 AZEITE D'OLIVEIRA.
Minho, Vianna do Castello.

486 AZEITE D'OLIVEIRA.
Minho, Vianna do Castello.

487 OLEO D'AMENDOAS DOCES.

488 OLEO D'AMENDOAS DOCES.

489 OLEO D'AMENDOAS DOCES.

490 OLEO DE NOZES.

491 OLEO DE RICINO.

492 OLEO DE RICINO.

493 OLEO DE PURGUEIRA.

494 AZEITE DE PURGUEIRA. — Expositor e fabricante, Burnay.
Estremadura, Lisboa, em Alcantara.

495 OLEO DE LINHAÇA. — Expositor e fabricante, Burnay.
Estremadura, Lisboa, em Alcantara.

495 AZEITE DE MENDOBI. — Expositor, Francisco Rodrigues Batalha.
Bis.
Angola.

496 LINHAÇA. — Expositor e fabricante, Vicente Burnay.
Estremadura, Lisboa.

496 AZEITE DE PALMA. — Expositor, Francisco Rodrigues Batalha.
Bis.

497 ESSENCIA DE ALFAZEMA. — Expositor e fabricante, Francisco Mendes Cardoso Leal.
Fabrica, vide n.° 31.

498 ESSENCIA DE ROSMANINHO. — Expositor e fabricante, Francisco Mendes Cardoso Leal.
Fabrica, vide n.° 31.

499 ESSENCIA DE ZIMBRO OU JUNIPERO. — Expositor e fabricante, Francisco Mendes Cardoso Leal.
Fabrica, vide n.° 31.

500 ESSENCIA DE LIMÃO. — Expositor e fabricante, Francisco Mendes Cardoso Leal.
Fabrica, vide n.° 31.

501 ACIDO CITRICO. — Expositor e fabricante, Francisco Mendes Cardoso Leal.

502 ACIDO TARTARICO. — Expositor e fabricante, Francisco Mendes Cardoso Leal.

503 ACIDO OXALICO. — Expositor e fabricante, J. Husch e Irmãos.
Fabrica, vide n.° 28.

504 ACIDO TARTARICO. — Expositor e fabricante, Serzedello & Comp.ª
Fabrica, vide n.° 37.

505 URZELLA D'ARVORES. — Expositor, Francisco Rodrigues Batalha.
Angola.

506 URZELLA DE ROCHA. — Expositor, Francisco Rodrigues Batalha.
S. Thomé.

506 UAZELLA D'ARVORES. — Expositor, Francisco Rodrigues Batalha.
S. Thomé.
Bis.
507 URZELLA D'ARVORES. — Expositor, Francisco Rodrigues Batalha.
Moçambique.
507 URZELLA DE ROCHA. — Expositor, Francisco Rodrigues Batalha.
Minho, Vianna do Castello.
Bis.
508 URZELLA DE ROCHA. — Expositor, Francisco Rodrigues Batalha.
Cabo Verde.
508 URZELLA DE ROCHA. — Expositor, Francisco Rodrigues Batalha.
Madeira.
Bis.
509 URZELLA D'ARVORES. — Expositor, Francisco Rodrigues Batalha.
Estremadura, Cabo da Roca.
510 SUMAGRE. — Expositor, Manuel Baptista Monteiro.
Beira, Guarda.
511 SUMAGRE. — Expositor, Manuel Baptista Monteiro.
Algarve.
512 SUMAGRE EM PÓ. — Expositor, Manuel Baptista Monteiro.
513 SUMAGRE. — Expositor, Manuel Baptista Monteiro.
514 CASCA DE SOBREIRO.
515 ALCOOL ABSOLUTO. — Expositor e fabricante, Francisco Mendes Cardoso Leal.
Fabrica, vide n.º 31.
516 SALSA PARRILHA.
Santarem.
517 CAPSULAS DE COPAHIBA. — Expositor e fabricante, P. F. Norberto.
Estremadura, Lisboa.
518 MOSTARDA. — Expositor e productor, Visconde de Fonte Bôa.
Estremadura, Santarem.
519 MACARONI.
Estremadura, Lisboa.
520 MASSAS DE ITALIA.
Estremadura, Lisboa.
521 MASSAS DE ITALIA.
Estremadura, Lisboa.
522 MASSAS DE ITALIA.
Estremadura, Lisboa.
523 MASSAS DE ITALIA.
Estremadura, Lisboa.
524 MASSAS DE ITALIA.
Estremadura, Lisboa.
525 MASSAS DE ITALIA.
Estremadura, Lisboa.
526 MASSAS DE ITALIA.
Estremadura, Lisboa.
527 MASSAS DE ITALIA.
Estremadura, Lisboa.
528 MASSAS DE ITALIA
Estremadura, Lisboa.
529 BOLAXAS DE DIFFERENTES QUALIDADES.
Estremadura, Lisboa.

530 CANHAMO EM PLANTA. — Expositor e productor, Duque de Palmella.
Estremadura, Calhariz, perto de Setubal.
Quinta modello, dirigido pelo Sr. Gagliarde, agricultor italiano.
531 CANHAMO PREPARADO. — Expositor e productor, Duque de Palmella.
Quinta modello, vide n.º 530.
532 CANHAMO PREPARADO. — Expositor, e productor, Duque de Palmella.
Quinta modello, vide n.º 530.
533 LINHO EM PLANTA. — Expositor e productor, Duque de Palmella.
Quinta modello, vide n.º 530.
534 LINHO. — Expositor e productor, Duque de Palmella.
Quinta modello, vide n.º 530.
535 PITA. — Expositor e productor, Marquez de Ficalho.
Alemtejo, Serpa.
536 JUNCO.
Estremadura, Santarem.
537 JUNCO.
Estremadura, Santarem.
538 ALGODÃO. — Expositor e productor, Ayres de Sá Nogueira.
Termo de Lisboa.
539 ALGODÃO.
Algarve.
540 ALGODÃO.
Algarve.
541 MANDIOCA. — Expositor, Francisco Rodrigues Batalha.
Angola.
542 MANDIOCA. — Expositor, Francisco Rodrigues Batalha.
Angola.
543 TAPIOCA. — Expositor, Francisco Rodrigues Batalha.
Angola.
544 CARDO. — Expositor e productor, Manuel Maria Holbeche.
Estremadura, Santarem.
545 PALITOS CHAMADOS MARQUINHAS.
546 PALITOS. — Expositor e fabricante, Silva.
Fabrica, em Lisboa.
547 PALITOS CHAMADOS DE FLOR DOBRADA.
Coimbra.
548 PALITOS. — Expositor e fabricante, Silva.
Fabrica, em Lisboa.
549 PALITOS CHAMADOS DE DOIS BICOS.
Coimbra.
550 PALITOS CHAMADOS PASINHA.
Coimbra.
551 PALITOS CHAMADOS DE FLOR SINGELLA.
Coimbra.
552 UMA CAIXA FEITA DE DIVERSAS QUALIDADAS DE MADEIRAS DO PAIZ. — Expositor e productor, Marquez de Ficalho.
Serpa, districto de Beja, Alemtejo. As madeiras de que é formada a caixa são producção das propriedades do expositor. A caixa é obra dos operarios das aldêas.
553 PINHO MANSO. — Expositora, Inspecção Geral das Obras Publicas.

Das mattas nacionaes de Leiria.

554 MADEIRA DE AMEIXOEIRA. — Expositora, Inspecção Geral das Obras Publicas.

Da Villa das Caldas da Rainha, dicto de Leiria.

555 MADEIRA DE AVELEIRA. — Expositora, Inspecção Geral das Obras Publicas.

De Collares, proximo a Lisboa.

556 MADEIRA DE OLIVEIRA. — Expositora, Inspecção Geral das Obras Publicas.

De Santarem.

557 MADEIRA DE CASTANHEIRO. — Expositora, Inspecção Geral das Obras Publicas.

Alemtejo, Portalegre.

558 PINHO BRAVO. — Expositora, Inspecção Geral das Obras Publicas.

Das Caldas da Rainha.

559 OLMO OU AMIEIRO. — Expositora, Inspecção Geral das Obras Publicas.

Santarem.

560 MADEIRA DE AMOREIRA. — Expositora, Inspecção Geral das Obras Publicas.

De Lisboa.

561 MADEIRA DE ZAMBUJEIRO. — Expositora, Inspecção Geral das Obras Publicas.

De Santarem.

562 PINHO CERNEIRO. — Expositora, Inspecção Geral das Obras Publicas.

Das mattas nacionaes de Leiria.

563 MADEIRA DE FAIA. — Expositora, Inspecção Geral das Obras Publicas.

De Lisboa.

564 MADEIRA DE FREIXO. — Expositora, Inspecção Geral das Obras Publicas.

De Lisboa.

565 MADEIRA DE CEREJEIRA. — Expositora, Inspecção Geral das Obras Publicas.

De Lisboa.

566 MADEIRA DE CIPRESTE. — Expositora, Inspecção Geral das Obras Publicas.

De Santarem.

567 MADEIRA DE SOBREIRO. — Expositora, Inspecção Geral das Obras Publicas.

De Villa Viçosa, districto d'Evora.

568 URME OU URMEIRO. — Expositora, Inspecção Geral das Obras Publicas.

De Lisboa.

569 CHOUPO. — Expositora, Inspecção Geral das Obras Publicas.

(Continúa.)

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo IX.

D'ONDE NÃO SE ESPERA VEM O BEM!

As ordens da abbadeça foram cumpridas sem demora; antes de Cecilia entrar na sala da secretaria, já lá esperava o seu parente.

Este não esperou sem grande inquietação o momento de a vêr na grade, a esta hora deserta. O seu desassocego percebia-se no passeio impaciente, em que media o apposento, contando os minutos; e no ar sobresaltado, com que olhava para a porta, se ouvia algum ruido. Depois disto é inutil dizer, que se lhe abriu o paraiso diante dos olhos, no momento em que foi convidado a trocar a importuna publicidade do locutorio pela casa reservada aonde podia fallar, sem ser escutado por freiras curiosas e avidas de enredos.

A disciplina do convento fôra violada. O favor que se lhe concedia, era uma excepção, de que gosavam só os principes, os cardeaes, os bispos, e os confessores da ordem; o saudavel terror incutido pelo jesuita conseguiu mover a veneravel abbadeça a auctorisar uma innovação, que ía servir de saboroso pasto ás murmurações das filhas de S. Francisco.

Logo que o primo de Cecilia entrou, fechou-se sobre elle a porta, e appareceram, primeiro a abbadeça e o padre Ventura, e logo depois a educanda, que tinha vindo de volta. Os dois religiosos, serios, e revestidos da gravidade fria, que diz a um desconhecido, que o recebemos, mas nos acautelamos: Cecilia, vivamente agitada, comprimindo o tremulo coração com a mão ainda mais tremente. Encontrando o olhar affectuoso, mas discreto, do hospede, a pobre menina sorriu com tanta suavidade e timidez, que o jesuita deixou escapar um gesto de receio; mas cahindo em si poude conter-se, e em um instante os olhos explicaram tudo ao seu amante.

O parente de Cecilia mostrava dezoito annos, e talvez ainda os não contasse completos. Tinha o corpo bem proporcionado e esbelto; a presença agradavel e insinuante, apezar dos ares de grandeza, que tornavam quasi aprumada a sua estatura, dando certa côr altiva aos gestos. As sobrancelhas desenhavam uma curva muito viva, excessivamente escuras e bastas talvez descessem pezadas de mais, carregando os olhos. As pupillas pardas raiavam luz tão clara, illuminando-se á menor commoção, que bem poucas pessoas poderiam soffrer, sem abaixar a vista, o relampago que as fulminava. Era a mesma força e magestade, que deu a Luiz XIV a vantagem de atterrar tanto com um volver d'olhos, como com as mais severas palavras, que profere a bocca do rei.

O rosto do mancebo, mais trigueiro do que alvo, pouco rosado, era animado e nobre de feições; correspondia bem á expressão da vista. A testa elevada e espaçosa, serena reflectia a intelligencia, contrahida inculcava a impetuosidade do animo. Os beiços cheios e vermelhos, com o superior alguma coisa revirado e terso, annunciavam um caracter viril; o beiço inferior muito mais grosso e descahido, indicava grande propensão aos deleites sensuaes. Menos séria, esta bocca, aonde ás vezes a ironia se espiritualisava com chiste, podia adoçar repentinamente a severidade da phisionomia. O nariz quasi aquilino não descahia na ponta, e as asas bem indicadas e faceis de se entumecer inculcavam um genio forte e irritavel. Em todo o seu aspecto lia-se vontade firme, talento prompto, genio ardente, e constancia de idéas, muito prompta em degenerar em obstinação. A delicadeza da pelle e a pureza das veias, azulando-se transparentes como finissimas sombras, provavam que o typo aristocratico era conservado na sua familia em toda a perfeição.

Os cabellos sem pós nem peruca fugiam soltos pelos hombros, enrolando-se em anneis de bello castanho claro. A mão pequena, cheia, e macia, parecia mão de senhora. O pé airoso e pequeno pizava com graça; os movimentos respiravam elegancia e dignidade desafectada; as maneiras eram naturaes, e dotadas de exquisita distincção. Bonitos dentes brancos e iguaes appareciam quando sorria, no meio do carmin dos beiços, ainda corados de todo o calor da juventude. O seu porte inculcava mais o fidalgo e o militar, do que o plebeu e o negociante. Até a voz sonora tinha a firmeza de tom, e a inflexão imperiosa, que dá o uso do poder ás pessoas mais affeitas a mandar do que a obedecer.

Trajava uma casaca sem enfeite nem bordadura; porém a volta ornada de rendas preciosas, posta ao pescoço com o desgarre cortesão, brigava com a modesta apparencia da vestia e dos calções. O camisote de fina cambray escondia-se mal, e aos botões de brilhantes que o ornavam; dois rubis de grande valor, esquecidos nos sinetes do relojo, desmentiam a simplicidade estudada do resto do fato. A espada, boa folha de Toledo, propria para duello, e bem lavrada, pendia de rico talim. As luvas de canhão viam-se enroladas dentro dos copos da espada. De seda côr de rosa a meia vestia tão justa que parecia estalar na perna; e os çapatos com rosetas ou topes de fita, nada tinham que invejar aos do fidalgo mais primoroso. No dedo brilhava um annel com tres diamantes, e no chapeu uma presilha sem joias accommodava-se á mediania de parte do trajo. A um observador não podia escapar que o mancebo, privando-se de quanto fórma a opulencia do vestido, não se despira dos objectos que são inherentes á verdadeira aristocracia; a finura da roupa branca, e o valor das pedras, que trazia, accusavam-no de querer disfarçar uma posição em tudo muito superior ao que representava.

A sala, em que se achavam, tinha duas janellas altas, abertas em vãos profundos, uma uma quasi ao fundo, mas do mesmo lado da parede, a outra, collocada á ilharga da porta, por onde entrara o primo de Cecilia. Quem se recolhesse ao cubiculo formado pela primeira janella nem via nem era visto pelas pessoas entretidas no recanto da segunda. No meio da casa levantava-se um enorme bofete de páu santo torneado, carregado de livros e papeis de escripturação. Defronte, na parede opposta ás duas janellas, estava um grande crucifixo, sobre uma banqueta doirada, com duas alampadas accesas. Uma duzia de cadeiras de assento e espaldar de muscovia acabavam de vestir o apposento.

A vista do mancebo primeiro fitou-se nos olhos pequenos e sagazes e na bocca sumida e barba avançada da abbadeça, que da sua parte não o examinava com menor attenção. Dahi passou a estudar o rosto sereno e impassivel do padre Ventura; porém a vista deste, não menos firme e mais profunda, encontrou a sua sem se abaixar, e nada disse ou deixou advinhar. A cor subindo ás faces do primo de Cecilia, e a fronte carregando-se de repente, apenas chamou um ar de riso aos labios do jesuita. O seu aspecto era todo respeito frio e civilidade discreta; mas os olhos ousavam mais: e firmes declaravam que nada do que via era para elle segredo, que sabia conhecer as pessoas, porém que as não descubria; e que estava disposto a conter qualquer palavra ou acto donde resultasse prejuiso aos outros.

A abbadeça, respondendo com uma secca mesura á cortesia bem pouco profunda do mancebo, rompeu o silencio.

— «O Sr. padre Ventura disse-me (expõe ella) que o senhor é primo desta menina, e traz noticias importantes. . . Entendemos que este logar era mais conveniente do que o locutorio para uma conversação de tal natureza. Póde fallar. . . desculpará de certo que o meu dever me obrigue a assistir á sua conversação» — O rosto do

primo de Cecilia tomou de subito as cores afogueadas do orgulho offendido, os olhos a principio timidos, fusilaram de cholera, e teve de morder os beiços, fazendo-lhe sangue, para reprimir uma resposta severa que lhe subiu á bocca; conteve-se mas ficou callado. Sómente ouvindo citar o jesuita encarou-o de novo com attenção, examinou-o em um olhar perscrutador, e inclinou de leve a cabeça para elle. Era facil perceber, que scismava no modo porque um padre que não conhecia advinhava os seus segredos, e lhe servia de protector silencioso. Do jesuita a sua vista recahiu sombria e concentrada sobre a abbadeça a quem se não dignou honrar com uma só palavra.

O padre Ventura sobretudo o que temia eram as imprudencias, e achava o primo de Cecilia muito moço e muito irascivel, para subjugar as paixões, diante da provocação deliberada de uma freira contumaz e quizilenta; além disto lia nos olhos da educanda (e o padre visitador sabia ler no rosto dos outros, como em livro aberto) que ella tremia iguaes receios, e presentia proxima a tempestade: por isso, o nosso jesuita previdente e valedor interpoz-se a tempo para evitar uma scena violenta, recorrendo, segundo o seu costume, aos melifluos circumloquios que ninguem empregava com mais habilidade.

— « Se dá licença, veneravel irman, interrompeu elle, não acho inconveniente em ficarem aqui os dois primos um instante... são negocios de familia, negocios caseiros, como se diz no mundo... Cecilia não é freira, não se lhe póde applicar a disciplina em todo o rigor... Depois, confesso-lhe que pouco me devo demorar, e vou communicar-lhe coisas que não podem passar dos seus ouvidos. »

— « Obedeço, padre visitador! » — replicou a abbadeça com azedume. — « São ordens de V. Paternidade, não posso faltar; mas sempre digo que lavo as minhas mãos e não respondo senão por mim. »

— « E não faz pouco, minha irman. Eu responderei do resto. Bem vê, não ha escandalo; uma secular póde receber os seus parentes e ouvil-os em termos honestos, á vista de pessoas maiores de toda a excepção... o perigo, respeitavel madre, o grande perigo são os abusos, que desgraçadamente vemos em tanta casa de Deus... não fallo desta, Deus me livre. Esperemos que dê um exemplo util, advertindo pela sua austeridade a relaxação das outras. O peccado irremissivel, como eu dizia, é converter-se a clausura em abrigo, em aprisco de amores profanos e quasi publicos, e abrindo-se os rallos dos locutorios ao vicio e á seducção. Eis o mal; mas ha de curar-se com a ajuda de Deus. Esperemos tudo delle. »

— « Menina! — gritou a freira, convulsa e suffocada, — sabe quem manda aqui? Já ouviu as minhas ordens? Veja o que o seu parente lhe quer, e depois, peça-lhe licença, e retire-se immediatamente. Irá fazer as suas orações áquelle oratorio. »

E o dedo mirrado e eterno da veneravel serva de S. Francisco indicava uma porta, fronteira á da entrada, que dava para a capellinha interior aonde costumava fazer as suas devoções. Cecilia abaixou a cabeça, pallida e desorientada; o mancebo desfechou uma vista de odio mortal tão ardente, que se a freira o visse, esfriava até ao coração. O unico a quem o rasgo de auctoridade da abbadeça não alterou foi jesuita, a quem a seta era apontada; apenas um sorriso amargo e desprezador lhe fugiu pelos beiços, encrespando levemente os cantos da bocca. Revestido logo de ar severo, e tornando a estatura erecta de um só movimento cheio de magestade, não precisou senão de levantar para ella os olhos para lhe abater a soberba, e a confundir na vaidade. É verdade, que a chamma que luziu nos olhos do padre brilhava tão viva; é certo que o gesto, de que a acompanhou era tão firme e tão poderoso, que o proprio parente de Cecilia, pouco affeito a deixar-se dominar, não soube encubrir as suas sensações, e recuou involuntariamente. Entretanto nem um dos musculos da face do jesuita se descompoz com a íra, se íra havia nelle; nem uma só nota acre ou resentida lhe tremeu na voz; sómente, por effeito natural do sentimento da superioridade, a sua voz lenta encheu o aposento, sahindo vibrante, e accentuada da bocca do filho de Santo Ignacio. Aproximava-se mais do timbre metalico do sermão; mas não revia a menor expressão de cholera, ou de paixão. Era fria, pausada, e grave como de costume.

— « Cecilia — disse elle com a maior serenidade — póde ouvir e responder. Esteja em quanto lhe fôr preciso; e prohibo-lhe que deixe este quarto sem minha venia. Falle sem temor, a esta janella, que ha de ter muito que dizer e que saber!... Não lhe recommendo modestia e circumspecção, porque lhe faço justiça. Não ignora o que deve a si e a esta casa. É quanto basta. »

— « V. paternidade esquece que eu estou aqui,

ou julga que já não sou a prelada deste convento? » — atalhou a abbadeça verde de orgulho, e de desesperação.

— « Eu já lhe perguntei alguma coisa, madre abbadeça? Ou essa interrogação impropria involve a temeridade e a desobediencia de querer pedir-me contas? Ora bem! Espero no Senhor que a soberba e a rebellião não achem guarida nesta santa casa; mas se por desgraça se introduziram aqui, temos na igreja de Deus o remedio... por mais altas e seguras, que se julguem. Vamos, querida irmã, já lh'o disse, pouco posso demorar-me. »

Balbuciante e tremula a abbadeça seguiu o padre visitador em um estado, que fazia compaixão. Viu erguido o braço, e tremeu que descesse sobre o seu convento, armado de rigor. Aonde ha vontade e poder a occasião não falta, e a sua consciencia accusava-a de graves negligencias em mais de um ponto. Decidiu-se, portanto, a evitar segundo conflicto, e a devorar esta humilhação, como aviso salutar, embora fosse amargoso. Da sua parte o jesuita, satisfeito da victoria, ou fazendo pouco caso della, voltou logo á doçura, que lhe era habitual. Obtido o fim, e dada a demonstração precisa, entendia optimamente que o meio de colher as vantagens não consiste em apertar de mais o arco. Foi por isso que os dois religiosos se retiraram ao cubilo da primeira janella, deixando em plena liberdade a filha de Filippe da Gama e o seu amante, que seguindo o conselho do padre Ventura se recolheram ao vão, aonde podiam estar sem serem vistos nem ouvidos. A abbadeça e o jesuita desappareceram logo no recanto protector, que os separava completamente da educanda e do mancebo.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

MOSTEIRO DE CELLAS EM COIMBRA.

No celebre valle de Vuimarães [1], e na extremidade do mais famoso arrabalde de Coimbra, se ergue o antigo mosteiro de Cellas.

Em 1210, segundo Cardoso [2], ou 1215, segundo Bayam [3], o fundou a infanta D. Sancha [4], com permissão d'el-rei D. Affonso, o Gordo.

Era raro n'aquelle tempo, em Portugal, o uso de conventos de freiras. Se algumas mulheres piedosas resolviam consagrar-se a Deus, curavam logo de edificar, e cercar de alto muro, umas cazinhas, entre si pouco distantes, mas inteiramente separadas, sem portas nem janellas, apenas com algumas estreitas frestas, por onde se escoasse a luz, e introduzisse o alimento.

Aqui encerradas, a modo de anachoretas, consumiam seus dias neste peculiar genero de penitencia. [5]

Cellas chamavam ás casinhas, *encelladas* ou *emparedadas* [6] ás suas moradoras; e porque ao tempo, em que se fundara o mosteiro, já no valle residiam muitas encelladas, com estas e outras, vindas de Alemquer, o povoou a infanta, dando-lhe o nome de *Santa Maria de Cellas de Vuimarães.* [7]

É de nobre architectura; quando não fôra monumento respeitavel por tão eximia funda-

---

1 Neste valle matou el-rei D. Fruella, cruelmente, ás punhaladas, a seu irmão, o infante Voimarano. *Fr. Bernardo de Brito.* — M. Lusit. 2. p. c. 8. — *Gasco* — *Antig. de Coimbra* — cap. 21. — Alguns historiadores querem, que neste valle collocasse tambem seus arraiaes el-rei D. Fernando, o Magno, quando veio á conquista de Coimbra.

2 *Diccionario Geographico.*

3 *Portugal Glorioso e Illustrado com a vida e virtudes das bemaventuradas rainhas santas, Sancha, Thereza, Mafalda, Isabel, e Joanna*, etc. por *Joseph Pereyra Bayam.* — Liv. 1.º n.º 20.

4 A infanta D. Sancha nasceu em Coimbra, em 1176, e falleceu a 13 de março de 1229. Foram seus paes, el-rei D. Sancho I, e a rainha D. Dulce. Foi beatificada a 12 de setembro de 1704, pelo papa Clemente XI. — Concedeu-se termo de reza e missa para o bispado de Coimbra, e religião cisterciense, a 14 de setembro de 1709; e se estendeu a mesma graça a todo o reino e seus dominios, em 11 de fevereiro de 1713. — *Bayam* — *Port. Glorioso.*

5 *Fr. Franc. a S. Augustino Macedo, in vit. Teresiae et Sanciae* — cap. 27, pag. 107.

6 Sobre *emparedadas* póde vêr-se o *Elucidario*, do P. *Santa Roza de Viterbo.*

7 Quero advertir uma coisa, ácerca do nome deste mosteiro de Cellas, que por ser costume chamarem a estas mulheres, que então se recolhiam, encelladas, e aos recolhimentos cellas, á differença das encelladas da ponte *(do Mondego)* chamaram a estas cellas de Vuimarães, por ter este nome aquella quinta, em que se o mosteiro fundou, e não por outras imaginaçõss. — *Chronica de Cister* — Liv. 6.º fl. 459.

dora [8], conseguira essa preeminencia pelo magnifico da fabrica.

Um portico elegante, coroado pelas armas reaes portuguezas, ainda sem castellos [9], orladas das de Leão [10], dá entrada para um pateo espaçoso, cantado pelo nosso Tolentino em bellas quintilhas. [11]

Fica-lhe em frente um vistoso mirante, e o templo, que é de fórma circular.

Tres vastos dormitorios, e varias officinas, constituem o resto do edificio. [12]

Uma numerosa communidade de religiosas, de distincta nobreza, habitava, outr'ora, esta amplissima casa, uma das mais ricas da ordem cisterciense; ao presente seis ou sete monjas, cortadas de privações e molestias, arrastam sua pezada existencia nos vastos aposentos, em que suas predecessoras a passaram descuidosa e abastada.

Mais alguns dias, e desapparecerão estas venerandas reliquias das piedosas filhas de Sancha [13]; mais alguns dias, e ficará deserto o mosteiro.

Inda mal, que poderemos dizer com um dos mais illustres dos nossos poetas: [14]

Nada quebra o remanso da morte
Pelas gothicas, vastas arcadas:
Nem dos quicios ranger vagaroso,
Nem murmurios de lentas passadas.
. . . . . .
Porém, como se ao sopro do archanjo
A trombeta final retumbasse,
E da vida o tumulto na terra
Ao terrivel signal expirasse,

Assim do orgão calou a harmonia,
E dos coros os hymnos calaram,
E os fulgores das lampadas frouxos
Das vidraças não mais transsudaram.

R. DE GUSMÃO.

[8] As familias reaes, portugueza e espanhola, o visitaram, quando estiveram em Coimbra.

[9] Muito depois da fundação do mosteiro é que el-rei D. Affonso III ao escudo das armas portuguezas accrescentou, por orla, sete castellos de prata em campo de sangue, que são as armas do reino do Algarve. — Vid. *Nobiliarchia Portugueza*, de *Villas-Boas* — pouz. XXIV — pag. 200.

[10] Depois da morte de Santa Sancha, tomou sua irmã, Santa Thereza, debaixo da sua protecção, o seu mosteiro de Cellas, como ella lhe deixou recommendado, e o augmentou muito em rendas, edificios, e no numero das freiras. — *Bayam Port. Glorioso*, etc. — E' de crer, que esta Santa rainha nos edificios, que construisse ou restaurasse, mandasse unir ás portuguezas as armas de Leão, de cujo reino fôra rainha, gozando, como gozou, até á sua morte, deste titulo, dado pelos papas, e principes da christandade.

[11] Neste pateo se representava, todos os annos, pelo Espirito Santo, a burlesca mascarada do *imperador de Eiras*, da qual se lembra o conselheiro *João Pedro Ribeiro* nas suas *Reflexões Historicas*, *parte* 1.ª n.º 11, ao relatar algumas das praticas supersticiosas do nosso reino. — Creio que em Lisboa tambem se praticava esta usança; deprehende-se do titulo de umas cantigas, que vem nas *Obras Poeticas* de *Pedro Antonio Correa Garção*.

[12] O bispo de Coimbra, Dom Affonso de Castello-Branco, fez construir um destes dormitorios, o de Santa Clara. — Gasco — *Antiguidades de Coimbra* — cap. XXII — pag. 120.

[13] São muitas as religiosas, que neste mosteiro floresceram em virtudes; de uma, que nellas se extremou e foi insigne poetiza, nos deixou honrada noticia *Antonio de Sousa de Macedo* nas suas *Flores de Hispanha*:

« Doña Helena de Sylva, monja de Sam Bernardo en el monasterio de *Celas de Coimbra*, que murió santamente, dexó compuesto en verso castellano un libro de la Passion de Christo, por alto estylo, y lindo modo de consideracion, egualando en el assumpto y ingenio la famosa imperatris Athanais, o Euxodia, que de los versos de Homero compuso la vida de Christo, y la celebre Romana Proba Falconia, que de los de Virgilio hizo lo mismo. »

[14] *Poesias* por *A. Herculano* — O Mosteiro Deserto — pag. 186.

NOTICIAS E COMMERCIO.

Exposição industrial em Londres. — Diz a *Illustração* de Londres que a curiosidade publica augmentára na rasão do curto espaço do tempo que restava até o encerramento official e definitivo da exposição. No dia 6 estavam cem mil pessoas dentro do palacio de cristal; a vista das galerias era magnifica.

A commissão regia decidiu que na segunda feira 13 e terça 14 de outubro, isto é nos dois dias de admissão depois do encerramento em 11 de outubro, fossem unicamente admittidos os expositores e seus amigos: cada expositor recebia uma senha que lhe dava entrada gratuita com a faculdade de introduzir duas pessoas tambem gratuitamente. A mesma senha servia, porem só para o expositor, como bilhete de admissão á sessão solemne de 15 de outubro.

Alguns jornaes haviam publicado nos primeiros dias de outubro suppostas listas de premios e recompensas para algumas das trinta classes da exposição universal; porem, taes listas são completamente inexactas, nem merecem confiança alguma. A commissão régia prudentemente estatuiu que as decisões do jury não seriam publicadas senão na sessão solemne e depois de fechada a exposição.

Agulha de Cleopatra. — Tracta-se em Inglaterra de transportar o obelisco conhecido pela denominação de «Agulha de Cleopatra.» Os inglezes residentes no Egypto assentam que o monumento não val as despezas da viagem. Está bastante deteriorado, e descuberto n'uma extensão de 35 pés: a base fica a distancia de 20 pés da praia, e será preciso para o tirar, fazer uma brecha nas muralhas de Alexandria.

Explosão. — Em Zante, capital da ilha do mesmo nome no archipelago das Jonias, aconteceu uma lamentavel desgraça no meado do mez ultimo.

Um merceeiro que negociava occultamente em polvora, guardava-a em barris n'um armazem subterraneo. Em o dia 18 de Setembro, já de noite, pegou fogo n'um barril: o incendio resultante da explosão cresceu rapidamente, e de subito estourou nova explosão, mais forte que a primeira: era o resto da polvora que se inflammara.

A catastrophe destruiu tres predios de casas. Cincoenta e quatro soldados e seu major que acudiram a principio a prestar soccorro foram mortalmente feridos e assim mais cincoenta paysanos. Ao todo, para cima de cento e oitenta pessoas tiveram feridas ou contusões. São inexplicaveis o terror e consternação dos habitantes.

Ainda mais oiro. — Noticias frescas da America britannica annunciam a descoberta de oiro no valle do rio Chandine, Baixo-Canadá. Este descobrimento attrahiu ao sitio numerosos aventureiros, entre os quaes 500 americanos dos que tomaram por officio a pesquisa do metal precioso, e outros mais da Nova Brunswick; já se organisaram cinco sociedades ou companhias para animar os emprehendedores e ajudal-os em seus trabalhos. Descrevem alguns a região das novas minas com a dilatada superficie de tres mil milhas quadradas. O metal acha-se nos leitos das correntes e nas montanhas circumvisinha; encontraram-se bocados de oiro adherentes a pedaços do quartz; mas ainda os exploradores não deram com veia aurifera de quartz.

Telegrapho submarino. — No dia 5 do corrente foi vista em Paris a primeira participação transmittida por aquelle telegrapho estabelecido de Dover a Calais, como já sabem os nossos leitores. Foi impressa directamente pela machina de M. Jacob Brett: e diz — «impressa pelo telegrapho submarino, para o Sr. Conde de Orsay.» Está, por tanto, fixada de um modo incontestavel esta rapidissima e singular communicação entre a França e a Inglaterra.

Theatro de S. Carlos. — Segunda feira ultima, foram abertas as portas do theatro de S. Carlos á impaciencia dos *dilettanti*, a quem já tardava este *rendez vous* da mais escolhida sociedade da capital. A casa estava completamente cheia, e a curiosidade do publico era grande, por serem contradictorios os rumores que corriam ácerca do merecimento dos artistas de novo escripturados para esta segunda época theatral da actual empresa.

A peça escolhida foi a *Lucia de Lamermoor*, uma das bellas flores da corôa de Donizetti. Fez o papel de protagonista a Sr.ª Arrigotti. Esta artista está longe de ser bonita, mas a expressão da sua physionomia, a vista penetrante de seus grandes olhos pretos, e distincção e força de sua acção, compensam-na da perfeição das feições que a naturesa lhe negou, e mostram logo á primeira vista que ella é filha da peninsula Iberica. A sua voz é de *soprano sfogato*; não muito sonora mas de um timbre puro, vibrante, e argentino; e na sua extensão pouco commum, e em todos os pontos agil, e flexivel. A Sr. Arrigotti soffria visivelmente uma forte commoção ao entrar na scena: é uma especie de homenagem que todos os artistas rendem ao publico no dia de seu debute. Elles sabem, por grande qne o seu merecimento seja, que uma recepção má póde prejudical-os, e perdel-os na sua carreira: — o seu talento está exposto ás provas d'um grande jury. E por isso que a primeira representação d'uma peça, e principalmente por occasião do debute d'uma companhia, é considerada em toda a parte como um ensaio geral. Seria exigir o impossivel querer que o artista debutante, diante d'um grande concurso que não conhece, conservasse a firmeza da sua voz, e o sangue frio necessario para supportar um acolhimento frio, ou o que é peor ainda signaes de desapprovação. — Em todos os paizes civilisados, os espectadores são sempre indulgentes no dia do debute, as demonstrações de reprovação n'um dia tão solemne para o artista nunca são dadas senão no fim da peça; e muito bem vingou a generalidade do publico alguns signaes de desapprovação que foram dados em um pequeno circulo da platéa por quem *é exigente de mais*. Em todos os paizes civilisados, dizemos, quando se conhece a emoção, ou o receio de um artista debutante, são-lhe prodigalisados applausos para lhe dar coragem: e, se a final se conhece que o defeito vem da falta de merecimento, o publico está no seu direito de significar a sua reprovação. Porém, a Sr.ª Arrigotti, como artista distincta que é, soube vencer todas as difficuldades, cantando muito bem a sua *Cavatina*; no 2.º acto foi igualmente feliz, mas onde obteve todos os suffragios, e nos deu a verdadeira medida do seu talento foi no magnifico *rondó* do 3.º acto, o qual, escripto para Madame Persiani, tem sido cantado sempre no nosso theatro meio ponto mais baixo pelo menos, e foi talvez esta a primeira vez que tivemos occasião de conhecer em toda a sua verdade este chefe d'obra musical. A Sr.ª Arrigotti deve estar satisfeita pelos applausos com que o publico corôou seu incontestavel merecimento, e tanto mais de apreciar quando parecia haver uma prevenção pouco favoravel a seu respeito, mas era impossivel resistir á agilidade, ao vigor, e á perfeição com que esta eximia artista percorria todos os pontos da escala, ou subindo ou descendo, conservando sempre a mais perfeita intonação.

Quanto ao baritono Sr. Mancusi, encarregado do

papel de *Asthon*, não podemos ainda formar um juizo seguro do seu merecimento. Consta-nos que acabava de ter uma inflammação de garganta que precisou de remedios energicos, e pareceu-nos que a sua voz se ressentia deste incommodo, augmentando assim a emoção do seu debute.

Quanto ao Sr. Musich, *(Edgardo)* é artista assás conhecido do publico, mas não deixaremos de dizer que cantou perfeitamente, e foi além do que se esperava.

Parece-nos, por quanto se póde julgar de uma primeira representação, que os tres mezes de repouso que acaba de ter, lhe vigorisaram a voz, e na grande e difficil *aria* do 3.º acto cantou com um mimo, e expressão tal, que o publico não costumando ser muito indulgente com este artista, o recompensou com bem merecidos applausos.

O Sr. Celestino desempenhou muito bem o papel de *Bidebent*, e felicitamo-lo por entrar de novo n'um theatro onde continuará a dar provas do seu talento, e da sua vocação para a arte lyrica.

Resta-nos fallar dos conjuges Cappon, que debutaram em um *pas de deux*, e bailado de doze dançarinas. De quanto se póde julgar por esta primeira composição coreographica, dizemos, que o sr. Cappon tem boa figura, agilidade, muita elevação e força: o seu genero tem mais de brilho do que graça. Parece-nos, comtudo, que deveria dar mais attenção ao modo de concluir os seus passos, a fazer um estudo severo nas attitudes que toma, por que algumas dellas não se poderiam desenhar com proveito artistico. Não queremos, comtudo, negar-lhe as honras de um bom bailarino, e estas observações que fazemos são só no interesse de aperfeiçoar os dotes que a natureza lhe concedeu.

Quanto á sr.ª Cappon tem uma figura agradavel, e as suas fórmas são regulares e proporcionadas. Não é uma dançarina de força, e as suas attitudes e o final dos seus passos não são perfeitos; comtudo julgamos que ella satisfez completamente, e excedeu mesmo o que ha direito a esperar da parte que lhe pertence desempenhar na actual companhia, e são merecidos os applausos que o publico lhe deu, bem como a seu marido.

Parece que em breve irá á scena a opera *Nina* do maestro Coppola, em que debutarão a sr.ª Sannazaro, e os outros artistas ultimamente escripturados.

O navegador Franklin. — Sir John Ross chegou a Inglaterra, procedente do porto de Strauraer. Constou que as informações que trazia tendem a confirmar o que diziam os esquimaos no verão passado; isto é, que os navios de sir John Franklin se tinham perdido na parte superior da bahia de Baffin no outono de 1846, e que parte das equipagens fôra assassinada por uma tribu hostil, residente nessas paragens. M. Ross, já bem conhecido por anteriores viagens polares, está persuadido de que Franklin nunca passou o canal Wellington, e voltava a Inglaterra na occasião do desastre.

O interprete esquimao prestou juramento perante um magistrado em Godhavem, quando repetiu os seus primeiros depoimentos. M. Ross trouxe, para serem traduzidos, os documentos esquimaos escriptos por esse interprete. M. Ross não voltaria tão depressa á Grãn-Bretanha e renovaria as suas pesquizas na bahia de Baffin, se tivesse provisões para passar segundo inverno.

Pitança commutada. — Ha hoje um anno, sopravamos nós o pó de um codice do seculo XVI, para ler á infancia popular do bairro da Sé a deixa que uma tal Sr.ª *Caterina Fernandez* lhe fizera, de um saco de castanhas, e uma canastra de maçãs, que lhe seria *deitada* todos os annos, no dia de S. Crispim e S. Crispiniano, a 25 de outubro, dando aos irmãos da confraria dos sapateiros umas casas a par da ermida de S. Crispim para satisfazerem este legado. E concluiamos: Quem está hoje comendo estas maçãs e castanhas que pertencem aos rapazes, segundo a expressa clausula da testadora?

Algum tempo depois de publicada esta denuncia archeologica, procurou-nos o syndico da confraria de S. Crispim, homem do officio, mas zeloso do credito da sua corporação, mostrando-nos uma sentença pela qual se prova que as casas onde estava imposto aquelle chistoso onus, se haviam demolido para fazer a actual ermida, o que ainda assim se não poude effectuar sem a ajuda de outro visinho, segundo se vê da seguinte memoria alli exarada:

« A corporação dos sapateiros, que constitue a irmandade de S. Crispim e S. Crispiniano, quiz e desejou ter uma ermida propria para o culto dos seus santos: D. Affonso de Menezes, filho do Conde de Penella, cedeu então á corporação e irmandade um terreno com uma amoreira que possuia junto á barbacan da muralha da cidade, um terreno foreiro á cidade em duzentos réis, cuja cessão lhe fez graciosamente, convindo o senado não só, mas perdoando o foro annual para que o terreno ficasse livre á irmandade, attendendo ao honesto fim da edificação da ermida, de que se lavrou escriptura em 8 de janeiro de 1564. »

Declaramos pois em descargo de consciencia, que os rapazes não estão lesados; porque esta pitança foi remida ou commutada, com todas as solemnidades do estylo, e que os mestres sapateiros estão absolvidos da censura que lhes podia caber pela falta de cumprimento deste legado.

E tambem é de justiça louvar o pundonor com que esta confraria acudiu a reivindicar o seu credito, que mãos alheias, mas innocentemente, tinham supposto maculado.

25 de Outubro de 1851.

T.

BIBLIOGRAPHIA.

COMPENDIO DE HISTORIA UNIVERSAL, por *José da Motta Pessoa de Amorim.*

Publicou-se a 8.ª folha do tomo 3.º e contém: *Historia prophana.* — Continuação da historia da Grecia e Roma.

Vende-se a 20 réis a folha na rua Augusta, n.os 1 e 8: e a 300 réis por volume, nos principaes livreiros de Lisboa, Porto e Evora.